Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. Leão XIII. Pelo Exc.mo Ordinario e varios Prelados.

MARÇO DE 1904

5.ª Serie — 10.º Anno

N.º 15

Redacção e administração

BRAGA

SUMMARIO

A guerra.
I Parte — **Secção doutrinal:** A Immaculada Conceição, (Attitude de S. Boaventura).— O canto da semana santa, — Santo Protector para o mez de abril. — Virtude para imitar. — Indulgencias.
II Parte — **Secção Historica** : Mosteiro da Madre de Deus em Aveiro. — A Immaculada Conceição é nossa. — Pensamentos. — Anecdotas.
III Parte — **Leituras amenas:** Se eu tivesse mãe !...—A uma innocente (Poesia.)
IV Parte — **Culto de S. Antonio:** O Pão de S. Antonio em Braga, Villa Pouca d'Aguiar, Passos de Ferreira, Barcellos, Setubal, Diamantina (Brazil, etc , Os nossos defunctos.
V Parte — **Secção Scientifico-litteraria:** Quadros Biblicos. —Os seculos a vôo d'aguia (Poesia).
VI Parte — **Chronica Universal:** Echos das missões em Africa, Roma, Hespanha e Portugal, etc.
Gravuras: Christo Jesus. — S. Jose. — Scena do Calvario. — Triumpho de Scoto. — Enterro de Christo.—Sé Cathedral do Porto.

PELA IMPRENSA

Somos obrigados a retirar ainda uma vez mais a nossa Chronica Ligeira, para cumprirmos com um dever de gratidão para com varios collegas de imprensa que se dignam visitar esta redacção a troco da visita da nossa modesta Voz de S. Antonio

Santa Gecilia—Com esta epigraphe chegou-nos de Turim esta esplendida e importantissima revista musical. Insere artigos de grande valor artistico, no genero.

E' uma revista, que nos tempos actuaes em que o canto liturgico começa a restaurar-se por iniciativa de Pio x, merece bem as attenções da christandade principalmente dos que pela sua posição devem secundar as aspirações do S. Padre. Os ultimos dois numeros recebidos n'esta redacção, de Fevereiro e Março veem primorosamente collaborados por auctores distinctos e maestros de grande celebridade. Todos os artigos tendem a orientar os leitores sobre o movimento actual do canto Gregoriano e em geral da musica sacra. Além dos annuncios que traz de musica sacra determinadamente para seminarios, vem sempre adjunto como supplemento uma peça para orgão e varios trechos do canto Gregoriano a vozes e acompanhamento de orgão feito *ad hoc*. O ultimo numero traz as vesperas de Nossa Senhora.

A nossa redacção encarrega-se de fazer os pedidos e remetter esta importante revista a quem a requisitar.

Le Mois — Littéraire e Pittoresque--Maison de la Bossul Presse—Paris.

Sommaire—«Médaillon de la couverture»: Mars, gravure sur bois d'après l'émail de Jehan Reymond, musée du Louvre. Les labours de printemps, composition hors texte de H. Rousseau. Rubiette des bois, conte d'un oiseleur, par Lucien Donel, avec 1 composition de Vacha. Un Chouan de Normandie, par Gustave Hue, avec 9 photographies, portraits et reproductions. Les Grunewald du musée de Colmar, par J.-K. Huysmans, avec 12 reproductions. Que de Rayons ! «causerie-chronique, par Emile Faguet, de l'Académie française. Les Barrières, poésie, par Joseph Serre, avec 1 encadrement Les Ruches, poésie, par A. Vermenouze, avec 1 composition du P. Ruty. Jean Hutter, roman (suite), par Paul Harel, avec 3 compositions de Lecoultre. Montreuil-sur-Mer et l'ancien Ponthieu, par B. de Courson, avec 9 photographies et 1 dessin. L'ancien Hôrel de Rohan-Strasbourg, par Louiz Dimier, avec 14 photographies. Le Marbre, par J. de la Cerisaie, avec 13 photographies. Causerie littéraire: «Les tragédies bourgeoises de ry, par Gustave Flaubert; La mort d'une mère, par L. Joubert; Prophétie de négresse, par Léon Lavedan, avec 1 portrait. Portraits littéraires: La duchesse d'Uzès, par A P., avec des extraits et 1 portrait. Actualités scientifiques: Les méfaits de mouches, par Jacques Boyer, avec 17 photographies et dessins. L'Art du Dompteur, croquis, par Henriot

Annexes et supplément—Album musical du «Mois»: Vision, musique de F. Dorso; Ave Maria, musique de Henri Strogli; Les Nouveaux Livres, Petites Nouvelles, Concours de genre et d'esprit, Mode, etc.

La Civilta Cattolica—Indice—1. La proprietá del Vaticano secondo la legge delle guarentige. Note storiche e giuridiche. 2. I diritti degli animali. 3. Papa Innocenzo XI e l'Ungheria liberata dai Turchi (1676-1689). 4. Di alcuni criteri incerti nella Paletnologia, Archeologia e Storia antica. Le scoperte di Creta e il criterio cronologico. 5. Consultazioni canonicheliturgiche 6 Monografie d'arte e d'artisti. 7. Archeologia. I monumenti del Paradiso nell'antica Basilica Vaticana. 8. Cose romane. 9. Cose italiane. 10. Notizie generali di Cose straniere. 11. Belgio. Nostra Corrispondenza 12. Cina. Nostra Corrispondenza. 13. Russia. Nostra Corrispondenza. 14. Per l'Obolo delle povere monache d'Italia. 15. Opere pervenute alla Direzione —ROMA—Direzione e Amministrazione —Via Ripella 246.

L'Immacolata — Nel cinquantegimo anniversario dela «Proclamazione del Dogma —

Sommario—Preghiére ed obolo d'amore.— Adezione e notizie—Pei nostri lettori. Le nostre illustrazione.—Il Diadema della Immacolata—Dogma dell'Immacolata Concezione e la Douttrina della bluéza Greca.—Il culto della Immacolata in Roma.

Illustrazione: L'Immacolata di Pio IX—L'Immaculata del minardi—Antichissima imagine della Immacolata in S. Lourenzo in Damazo, etc. etc.

Portugal em Africa — Revista scientifica. Summario:—I O caminho de ferro de Quelimane, II Algumas verdades ácerca da situação da provincia de Angola, III Fortaleza de S. Sebastião de Moçambique, IV Diario da marcha do chefe do concelho do Libollo, tenente Paes Brandão á região da Quibala, V Chronica ecclesiastica e missionaria, VI Revista do extrangeiro, VII Revista Luso-Africana, VIII Revista economica colonial, IX Bibliographia africana, X Secção de administração geral na Africa portugueza, XI Annexo.

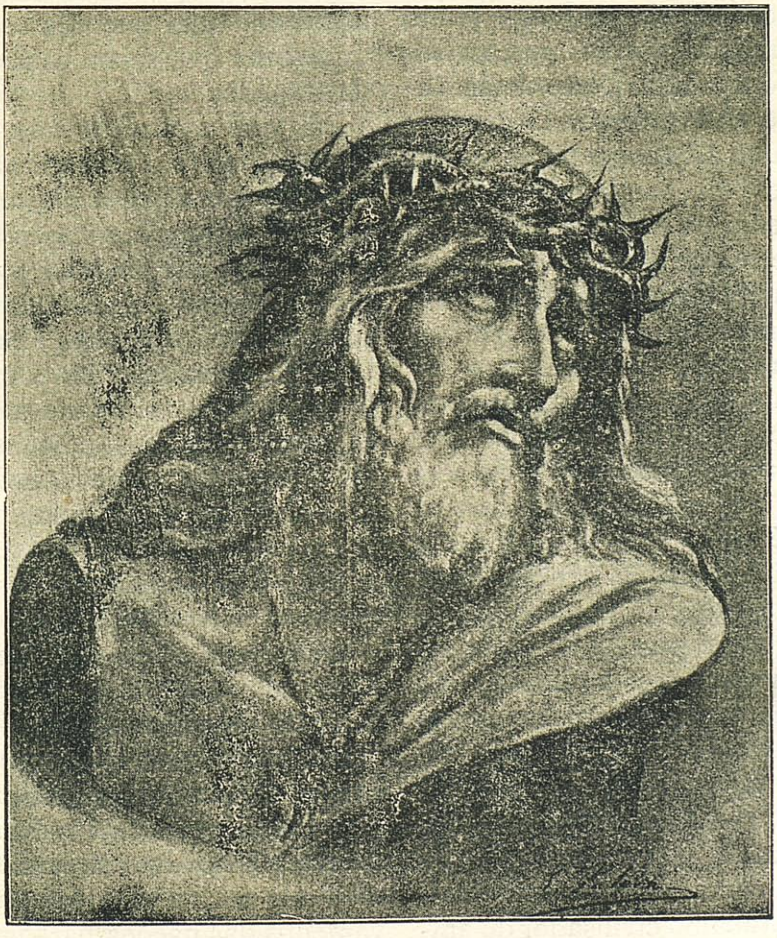
«A Exposição» — Summario : A exposição Industria agricóla Yáuko—Sondagem indirecta

9.º anno — N.º 15 5.ª SERIE Março — 1904

Voz de S. Antonio

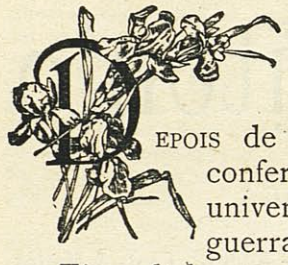
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

Editor — D. J. de Souza Gomes. *Pap. e Typ. Universal* — Augusto Costa & Mattos.



CHRISTO JESUS

A GUERRA



DEPOIS de tão decantadas conferencias para a paz universal, apparece a guerra.

E' verdade que ella rebentou longe, lá no extremo oriente, mas sam taes as circumstancias que a revestem, que a podemos considerar como se estivesse ás nossas portas ou dentro de nossas casas. O mundo todo tem os olhos postos n'aquelle ponto negro do horisonte, cujas proporções ninguem póde ainda prevêr com segurança até onde attingirão.

Repara no arcaboiço herculeo dos combatentes, e acha-os ambos fortissimos. Attenta na energia bellica que os anima, e vê que ella procede d'uma vontade tenaz, audacissima, de se suplantarem mutuamente. E os motivos que secreta ou apparentemente os instigam? Ainda esses sam os mesmos, e, por maior desgraça, summamente perigosos: a ambição afinal. Qual será o vencedor? E' cedo para o prophetisar, mas é certo que vencedores e vencidos, liquidadas as contas, terão de contar-se todos no numero das victimas. Porém, o que ha de peor na presente guerra russo-japoneza, não é já sómente o sentimento humanitario tão gravemente sobresaltado, na perspectiva dos milhares de victimas sacrificadas, nos rios de sangue humano que ha de regar os campos de batalha, em vez de ser utilmente aproveitado no trabalho civilisador de ambas as raças belligerantes. O que assusta, ao chegarem aos nossos ouvidos os echos longinquos da refrega, não é tão sómente o estampido dos canhões, o fusilar das balas, o cairem por terra, exanimes, enormes massas humanas, e afundarem-se na voragem poderosissimas machinas de guerra, arrastando para o abysmo milhares de victimas.

O que faz oscillar, em febril agitação, todos os espiritos reflectidos, não é, principalmente, a espantosa depressão dos cambios, os prejuizos commerciaes de muitas nações; não é, emfim, o acostumado scenario de todos os horrores de ordem moral e material, que toda a lucta fratricida desenrola impiedosamente deante de nós, onde quer que ella se apresente, quaesquer que sejam os protogonistas da tragedia.

E' que as nuvens negras que offuscam o sol do oriente não sam os rolos de fumo que se alevanta do ponto onde arde o orgulho offendido de dois povos, que, embora por um momento inimigos, sam todavia irmãos pelo sangue, professam a mesma doutrina fundamental, tem a mesma civilisação, adoptam os mesmos habitos, seguem os mesmos costumes, e tantas vezes pugnam pelos mesmos interesses. Não; d'esta vez, os tetricos clarões que se divisam *pro Levante* sam o reflexo da chamma produzida pelo choque terrivel de duas raças que se odeiam. aggravado pelo fanatismo de doutrinas fundamentalmente oppostas, pelo encontro de civilisações diversas, de habitos e costumes differentes. E' isto que infunde pavor. Desde os famosos recontros do Islamismo contra a Cruz, não tinhamos experimentado mais a surpreza d'um sublevamento das nações barbaras contra as civilisadas. Estas, representadas pelas nações da Europa, que foi sempre a propagadora do bem, do util e

do bello, tiveram o bom senso, durante longos seculos, de introduzir a civilisação tão sómente nas regiões onde estivesse, primeiramente arvorada a Cruz.

Nunca haviam commettido a imprudencia de armar o braço d'um selvagem ou semi-barbaro, sem primeiro o terem alistado no exercito da Cruz; antes de o fazerem guerreiro faziam-no christão. Não lhe punham nas mãos novos instrumentos de defeza, sem primeiro lhe rectificar o coração, afim de não os converterem em instrumentos de ferocidade. Todavia, a Europa moderna julgou poder prescindir das velhas praxes civilisadoras. Prestou todo o auxilio, educou, formou, civilisou o corpo d'uma raça inimiga da sua, sem se importar da civilisação do espirito, sem lhe incutir primeiro os sentimentos humanitarios que ella tinha recebido da Cruz.

Em breve teve de defrontar-se com um inimigo que ora lhe move guerra. E quaes serão as consequencias se este novo inimigo semi-civilisado ficar vencedor? A experiencia acaba de demonstrar que a raça amarella póde assimilar com perfeição todos os progressos da raça branca: póde armar-se como ella, póde ter exercitos tão disciplinados e mais numerosos do que ella, pódo ter esquadras como ella, póde, emfim, bater-se com ella, e como a sorte é muitas vezes caprichosa, póde tambem ficar vencedora, senão d'esta vez, pelo menos em outra occasião que não venha longe. N'esta hypothese olhemos não já para o Japão tão sómente, mas para os milhões de amarellos que elle póde congregar em volta de si, armados como elle e tão adestrados para a guerra como elle.

Supponhamos, emfim, a raça amarella, em pé de guerra, como um só homem, contra a raça branca da Europa, aspirando a dominal-a por terra e por mar. Então apparece-nos em toda a sua evidencia uma lucta que reveste todos os aspectos de horrenda.

A Europa terá então de unir-se como um só homem para ex-conjurar o perigo, e será feliz se o poder conseguir; mas ai d'ella, se a sorte lhe fôr adversa uma só vez que seja. Ora, este perigo incalculavel deixaria de existir se as nações da Europa antes de armar o Japão e a China lhes tivessem posto nas mãos a Cruz. Infelizmente não o fizeram. Mandaram-lhes armas em vez do Evangelho, instructores de exercitos em logar de missionarios de Christo. Arrepender-se-hão, mas será tarde.

Secção doutrinal

A Immaculada Conceição

(Attitude de S. Boaventura)

O ULTIMO numero da *Voz de Santo Antonio*, narrava as phazes successivas da controversia secular, que devia dar em resultado a proclamação do dogma da Immaculada Conceição de Maria.

Este derradeiro triumpho, todos os franciscanos o consideram, e com razão, como um triumpho de familia, porque a opinião da immunidade original da Santissima Virgem foi durante seculos doutrina caracteristica da Ordem de S. Francisco.

Mas, foi porventura sempre assim? Não contou a Ordem Franciscana em seu seio alguns adversarios do privilegio de Maria? A quem caberá a honra de ter arrastado a Ordem inteira pela senda nova da Theo-

logia? Os pareceres foram por longo tempo desencontrados a este respeito e hoje mesmo a historia ainda não pronunciou a sua ultima palavra sobre as circumstancias decisivas, que determinaram uma mudança de orientação nas ideias dos primeiros escolasticos franciscanos.

A controversia agitava-se, por assim dizer, em torno de dois nomes: de Scoto e de S. Boaventura, quer pela sua eminente santidade e profundo saber, como pela honra, que lhes coube de ambos serem fundadores d'uma escola franciscana. Não tratamos aqui do primeiro; assaz dissemos nos ultimos numeros da nossa revista sobre o modo de pensar do doutor subtil na questão, que nos occupa.

Estudamos tão sómente o papel que representou n'esta questão o seraphico doutor, S. Boaventura.

Partidarios e adversarios da Immaculada Conceição teem mais d'uma vez empregado todo o seu talento, folheado importantes escriptos, amontoado citação sobre citação na espectativa de o enfileirar a seu lado na disputa, que agitavam.

Os adversarios ambicionavam augmentar o numero dos seus adeptos, queriam apoiar-se sobre uma cadeia ininterrompida de santos e doutores; como os conquistadores, que edificam fortalezas atravez dos paizes conquistados, os partidarios, os franciscanos sobretudo, queriam atenuar a triste situação de ver o seu maior doutor no campo inimigo. Os admiradores da terna devoção de S. Boaventura para com Maria, desejavam harmonisar os sentimentos intimos do santo doutor com a sua doutrina theologica.

A meu vêr, estes esforços para fazer do doutor seraphico um defensor do dogma, não se baseiam senão em escriptos não authenticos; não se sustentam, senão a troco de violencias feitas ao texto verdadeiro e constituem emfim uma tentativa senão inutil, pelos menos infructuosa e impossivel. O nosso desejo seria apresentar aqui a plena luz a verdadeira attitude de S. Boaventura ácerca da Immaculada Conceição por uma exposição simples e clara de seus sentimentos e doutrinas.

*

* *

E' o commentario ao *terceiro livro das sentenças*, que nos fará conhecer o verdadeiro pensar de S. Boaventura relativo á Immaculada Conceição de Maria.

Podemos encarar esta questão por dois lados; isto é: podemos perguntar se a Conceição de Maria foi santa ou mesmo immaculada, — e quaes foram as consequencias da eminente santidade com que foi agraciada.

Tres questões resumem o primeiro ponto doutrinal, o unico que nos deve prender n'este momento.

Era uma doutrina commum na idade media, doutrina que ha passado até nós, e que sem ser um ponto vital da escolastica, conta ainda partidarios em nossos dias ao mesmo tempo que numerosos adversarios, que a infusão da alma no corpo humano não se faz no primeiro instante da formação d'este.

Esta sentença serve de base á primeira questão de S. Boaventura: o *corpo* de Maria foi santificado antes da recepção da alma? Alguns auctores defendiam já esta santidade anticipada. Muitos até celebravam uma festa especial sob o titulo de *Conceição de S. Maria.*

Introduzida sob esta forma, graças a uma pretendida revelação da Santa Virgem, a festa propagava-se de dia para dia.

S. Bernardo tinha já combatido a festa e a doutrina na sua carta aos conegos de Leão e lhes havia reprehendido em tom severo terem introduzido uma festa que a Egreja não conhecia, que a tradição não recommendava e que a razão reprovava. Bernardo, ultimo dos Padres da Egreja, usava d'uma auctoridade tanto maior sobre os escolasticos quanto mais perto estava do apparecimento da escolastica — e estes tomaram para si as conclusões do abbade de Claraval.

E' curioso passar aqui em revista os argumentos em que estribavam estes innovadores da Theologia e Lithurgia para afrontar a Escola sempre disposta a temer todo o movimento que sahisse da orbita que restringia as investigações escolasticas de então. Deus, diziam elles, não podia ser menos liberal para com Maria do que com os seus santos. Elle que tinha santificado Geremias no seio de sua mãe, que havia posto n'elle seu olhar de approvação antes de lhe infundir a alma, devia adornar Maria d'uma santidade maior que a d'este

propheta ou mesmo que a de S. João Baptista. — Além d'isso, se a carne pode ser o principio de contagio e o vehiculo do peccado original, a carne de Maria podia por egual titulo possuir uma santidade tanto mais provavel, quanto o seu nascimento era devido, segundo as ideias d'aquelle tempo, a uma operação milagrosa do Espirito Santo.

Boaventura elevou-se justamente contra estas pretendidas razões, e apoiado na sua profunda doutrina theologica, recusou subscrever tal asserção. Esta resposta do nosso santo não deve espantar-nos. O mesmo Ven. Duns Escoto e todos os sabios defensores da Conceição Immaculada accordaram mais tarde não acceder ás mesmas pretensões. Esta sentença, não obstante o fundo de verdade que continha, não era, explicada d'esta maneira, a solução luminosa e manifesta do problema em questão; ella apresentava tambem entre outros inconvenientes, o de subtrahir Maria á sujeição do peccado original, ao menos de longe, porque ella não foi isenta d'elle senão «em virtude d'uma graça especial e d'um privilegio do Omnipotente», como se exprimiu mais tarde Pio IX, o papa da Immaculada Conceição.

S. Boaventura foi menos cathegorico que S. Bernardo, ao tratar da festa mesma da Immaculada Conceição de Maria. Sem duvida, não a admitte sem restricção; sua persuasão intima lhe prohibia celebrar uma festa cujo objecto não era santo, todavia procurou com amor as explicações que a tornariam inoffensiva, pondo-a ao abrigo de toda a suspeita de erro theologico. «Eu não quero, diz, reprovar esta festa de um modo absoluto. Existe primeiro a questão d'uma revelação especial, mas cuja authenticidade não é sufficientemente comprovada. Em seguida nada impede referir esta solemnidade ao dia da Santificação de Maria de preferencia á sua Conceição. Considera-se n'ella, não a Conceição presente, mas a santidade futura. Se o filho d'um rei nascesse aleijado, mas com segurança de ser um dia livre d'esta penivel enfermidade, não seria permittido felicital-o no momento do seu nascimento não pela deformidade presente, mas pela cura futura?» E' sem duvida n'este sentido, que em 1263 no Capitulo de Pisa, elle prescreveu a seus religiosos a celebração d'uma festa nova em honra da Conceição da B. V. Maria.

Não se póde pois concluir d'este facto, que se tenha operado uma mudança na convicção intima do doutor Seraphico. O titulo da festa onde não figura a palavra «immaculada», e explicação que d'ella dá o mesmo S. Boaventura tiram toda a força provativa á conclusão que se pretendesse tirar d'este facto.

Cremos no entanto que N. P. S. Francisco prescrevendo a seus filhos a celebração d'uma missa no sabbado em honra da Conceição de Maria, ligava a esta palavra, quanto ao fundo, a significação actual.

E' licito perguntar aqui, se S. Boaventura não pensava em seu glorioso pae, quando ajuntava estas linhas ás que antes citamos: «é firme persuasão minha e intima esperança, que á gloriosa Virgem Maria agradará esta festa, mesmo quando a homenagem dos devotos que celebram a sua Conceição seja, não por espirito de novidade ou de adhesão a um erro qualquer, mas sob impulso d'uma terna devoção para com a Mãe de Deus.»

D'estas considerações, segue-se que S. Boaventura á luz dos seus principios theologicos não pensou approvar a santidade do *corpo* de Maria antes da infusão da alma; que elle não quiz de modo algum propagar a festa da sua Conceição. Far-lhe-emos injuria, se concluissemos d'aqui que elle foi adversario da Immaculada Conceição. A posição de S. Boaventura é um ponto de vista negativo, nada mais. Isto não é a affirmação da sentença contraria. Esta encontral-a-emos na segunda questão que nos resta estudar, visto que a terceira não tem para nós importancia alguma.

P. Romain Rome.
O. F. M.

(Le Messager de Saint-François d'Assise.)

O canto na semana santa

Era minha intenção, tratar n'este artigo da missa e dos muitos defeitos que n'ella se commettem, attendendo porém a que quando este numero da «Voz» chegar ás mãos dos seus leitores, já terá começado o tempo da quaresma,

julguei mais a proposito fazer algumas referencias a este santo tempo.

Outr'ora a quaresma começava na dominga da septuagesima, como ainda hoje o jejum na egreja grega. Todavia actualmente na egreja latina, ainda que o jejum só começa na quarta-feira depois da dominga da quinquagesima, a liturgia começa logo na septuagesima.

Prohibe-se o canto da *Alleluia* até sabbado santo, vestem-se os altares e os sacerdotes de roxo em signal de tristeza e penitencia. Prohibem-se as flôres nos altares e tambem o acompanhamento do orgão ou de quaesquer outros instrumentos. Omitte se tambem o canto do *Gloria in excelsis*.

A intenção da Egreja n'estas demonstrações de tristeza é preparar-nos com um temor santo e uma penitencia condigna para a celebração dos mysterios que nos vae apresentar na ultima semana.

Durunte todo este tempo o seu canto é triste e magestoso, proprio a concentrar os homens em si mesmos, e a concitar o respeito dos impios e dos incredulos. As Lamentações e a Paixão são d'um effeito surprehendente. O conjuncto das ceremonias, do ornato do templo e dos sagrados ministros, de toda a liturgia na sexta-feira santa parecem remontar-nos ao dia memoravel em que toda a natureza se vestiu de crepes pela morte do seu auctor. E aquelle *popule meus quid feci tibi? aut in quo contristavi te? responde mihi,*—que effeito tão maravilhoso não produz no coração d'um filho amante, que houve o seu Deus lamentar-se tão ternamente do abandono, em que o deixou e dos amargos dissabores (passe a phrase) que o ingrato lhe tem feito soffrer!

Mas em nossos dias, a quaresma e a semana santa já não despertam os sentimentos que despertavam n'outros tempos mais felizes. Os homens materialisados não ligam importancia senão ao que lhes desperta os sentidos d'um modo alegre e festivo.

Aborrecem os cantos tristes e quasi funebres da semana santa; quereriam que o templo se convertesse em theatro onde se exhibisse em scena a paixão de Christo, que fosse; mas garganteada por algum tenor de boa nota; que se representassem ao vivo as scenas do calvario, pelos actores de melhor successo!... Que ridiculo não é tudo isto!

E todavia algumas Egrejas ha, onde tudo isto é uma realidade!... Não se attende ás prescripções da Egreja. Deturpa-se o canto ecclesiastico intercalando-lhe musicas profanas, e a maior parte das vezes, estas substituem aquelle. A Egreja não cessa de protestar contra estes abusos, mas parece clamar no deserto. Ainda ultimamente recommendou o canto ecclesiastico para todas as festividades do anno, devendo portanto com mais razão ser preferido para a semana santa.

A musica instrumental é completamente prohibida n'este tempo. Varios decretos tem promanado da S. C. R. sobre este assumpto.

Em março do anno passado perguntava o Vigario do côro de Pisa, se, não obstante os decretos da S. C. em contrario, attento o costume immemorial, se podia tolerar na Egreja cathedral de Pisa, que o canto das Lamentações, Responsorios e *Miserere* fosse acompanhado a Harmonium, e a instrumentos de corda: como violino, rebecas, etc.; ou ao menos se permittia o Harmonium sómente?

Em latim: «*An in Ecclesia Primatiali Pisana, Feriis supradictis* (i. e. IV, V, et VI Mairois Hebdomadae) *attenta antiqua consuetudine, tolerari possit ut cantus Lamentationum, Responsoriorum, et Psalmi Miserere fiat simul cum instrumento Harmonium et aliis instrnmentis sine stripitu, a corda: violini, viole, contrabassi nuncupatis? Et quatenus negative, an saltem tolerari possit in casu sonus tantum instrumenti Harmonium?*

Sacra vero congregatio respondendum censuit: Negative ad utrumque.

No nosso paiz tambem se vae generalisando o costume de acompanhar as lamentações e mais partes do officio divino da semana santa não só a orgão, mas, ainda a orchestra; por emquanto este uso não é muito antigo ao que eu penso, e portanto facil de eliminar. Mas ainda que o fosse deviam aquelles a quem compete, envidar todos os esforços para ir acabando com elle pouco a pouco. Pois que a S. Congregação que em outros assumptos de liturgia costuma ser tão benigna, e dar tanta importancia ao uso, se é antigo; aqui não o admitte. Vê-se pois de quanta importancia julga que

n'estas solemnidades se observe á risca o canto estabelecido pela Egreja.

O citado decreto é de 20 de março de 1903. O mesmo tinha sido respondido pela mesma Congregação em 17 de setembro de 1847, e em 7 de julho de 1899, como se póde vêr nos *Decreta authentica S. R. C.*

Porque não hão-de todos aquelles a quem compete procurar que nas suas Egrejas se observem á risca as instrucções da Santa Sé? Não queiram converter as suas Egrejas em theatros, não succeda que Christo as lance fóra d'ellas, dizendo-lhes: *fizestes da minha casa um covil de actrizes.*

PINA.

SANTO PROTETOR PARA O MEZ DE ABRIL

S. José Esposo de Nossa Senhora. — Damos hoje aos Irmãos Terceiros, para protector, o Pae Putativo de Jesus, por andar intimamente unido á historia da Ordem Franciscana, o culto d'este Glorioso Patriarcha. A festa em honra de S José foi iniciada na Igreja pelos Franciscanos. Já no seculo XIV algumas provincias da Ordem Seraphica a celebravam; e attendendo a esse uso mandou o capitulo geral de 1399, que a dia festa se extendesse a toda a Ordem. Mais tarde no Capitulo geral de Salamanca determinou-se que toda a Ordem Seraphica celebrasse a dita festividade a 19 de março. Annos depois o Cardeal franciscano Guiñones de Luna, reformador do Breviario Romano, por consentimento de Clemente VII, extendeu a festa de S. José a toda a Igreja.

O Papa franciscano Xisto IV approvou o officio em honra de S. José e Xisto V erigiu uma sede episcopal em attenção á santa casa da Sagrada Familia, venerada em Loretto.

Os sete domingos, em honra do casto Esposo de Maria, foram inspirados a um filho de S. Francisco e propagados por seus irmãos. O escapulario de S. José, tão espalhado entre os fieis foi revelado a uma religiosa franciscana muito devota do Santo e um padre capuchinho solicitou da Santa Sé a sua approvação. Pio IX, terceiro franciscano declarou S. José, patrono de toda a Igreja e Leão XIII, filho tambem da Ordem Terceirá, concedeu a varios reinos decretar o dia 19 de março dia sanctificado.

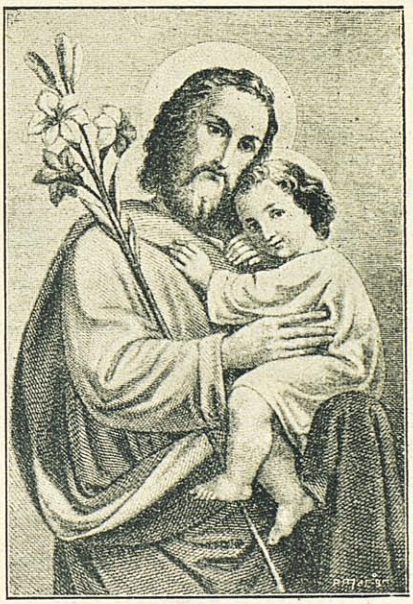
Se S. José, como disse um escriptor, no ceu não pede mas manda, como na terra, a Jesus, pois é o chefe da Sagrada Familia, se no seu culto hoje tão espalhado, cooperaram principalissimamente as tres ordens franciscanas, não devem os filhos de Francisco encommendar-se com toda a confiança a este poderosissimo Santo?

Como filhos da Ordem Franciscana devemos ter para com este santo, de tanta devoção sempre para todos os santos franciscanos, uma sympathia e predilecção particular; devemos espalhar, como os nossos antepassados, as suas glorias e as praticas de devoção em sua honra.

Sobre tudo devem os Irmãos Terceiros imitar este grande santo, o primeiro e mais perfeito modelo da sanctificaçãa de um operario terceiro.

Toda a santissima vida de S. José se resume n'uma pratica christã: *Santificação do trabalho.* Era pobre, necessitava de ganhar o sustento para Maria e Jesus, e talvez para mais alguns membros indigentes de sua familia e não podia dedicar-se á vida contemplativa do Senhor; era necessario trabalhar e muito.

Porém as fadigas continuas não o estorvavam da oração. Não é o coração que trabalha, é o corpo; nem é este que ora, é o coração. E emquanto as suas mãos se calejavam na officina e se alagava em suor, ganhando o pão de cada dia, o seu coração pensava no seu Jesus, no amor de sua



S. JOSÉ

alma. Trabalhava muito e orava sempre no meio do seu trabalho. Não podemos fazer nós o mesmo? No meio das nossas fadigas, das nossas mais arduas occupações não nos lembramos até dos vicios e escandalos do proximo de quem murmuramos? Porque não havemos de empregar o nosso coração em lembranças do ceu? Porque não havemos de entrar no coração de Jesus e deixarmos ali o nosso coração e pensar em Jesus nos seus beneficios tão mal correspondidos por nossa parte; nos soffrimentos que esse Divino Coração supporta por causa dos nossos crimes?

Assim cada movimento do vosso corpo, cada baga de suor, cada passo, cada momento do vosso trabalho, seria sanctificado e todos os vossos dias, e todos os vossos annos e toda a vossa vida seria sanctificada como a de S. José.

De hoje em deante ponde-vos n'este sancto costume: emquanto trabalha o vosso corpo, ore, lembre-se de Jesus, o vosso coração. O coração tambem deve trabalhar e o seu trabalho é o amor. Pois trabalhe o corpo nos serviços corporaes, entretanto o vosso coração ame a Jesus.

Assim sereis verdadeiros imitadores de S. José como o foram tantos irmãos vossos da Ordem Franciscana.

VIRTUDE PARA IMITAR

A paz na familia. — Considerai por um momento qual não seria o socego a tranquilidade a harmonia da casinha de Nazareth. Maria esforçando-se por adivinhar a vontade de seu esposo para lhe obedecer; Jesus procurando dar gosto em tudo a Maria e a José; este procurando nada mandar que exija sacrificio, trabalho, contradicções a Maria e a Jesus. Jesus era o laço que unia os corações dos santos esposos de Nazareth a seu divino coração; e o amor é o sustentaculo da paz domestica.

Indulgencias plenarias (de 13 de março a 10 de abril)

Março. — No dia 19, absolvição geral. Póde receber se em publico ou no fim da confissão, na vespera ou no dia da festa. — No dia 25, indulgencia plenaria.

Nos dias 20 e 27, indulgencia plenaria da bulla.

No dia 24, jubileu do Santissimo Sacramento, a modo do da Porciuncula, em todas as egrejas onde esteja o Santissimo. Começa ás duas horas do dia 23.

Abril. — No dia 3, Domingo de Paschoa, tres plenarias: absolvição geral, plenaria da bulla e das Estações de Roma.

Secção historica

MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS, EM AVEIRO

XIV

AGORA direi, o que se passou depois da extincção d'esta casa religiosa. No dia 17 de Março d'esse anno de 1885 e em carros toldados e puchados por bois, sahiu de Aveiro a Abbadessa, em companhia das duas recolhidas, que assignaram a despedida, de que dei copia, e com mais algumas das antigas educandas e tres antigas creadas da extincta communidade.

Recolhidas, em Fermelã e na sua nova habitação, converteram em capella uma das salas do edificio.

Este é de sufficiente grandeza, bem situado, com boa horta, pomares e pateo e um jardim na frente.

Fica á beira da estrada, que vae de Aveiro para Estarreja, e é só de um andar terreo, mas bem construido e no gosto moderno. Tem na frente um gradeamento de ferro, que ficou tapado com madeira, para assim evitar as vistas curiosas dos transeuntes.

Na capella improvisada, continuaram as recolhidas a ouvir missa e a fazer as suas rezas, ás horas canonicas e rezando segundo o rito franciscano.

Não poucas das familias mais gradas do concelho de Estarreja as visitaram e o povo de Fermelã não se mostrou descontente com a residencia de taes hospedas.

O governo estabeleceu á Abbadessa um subsidio, que só começou a receber tres ou quatro mezes, depois de ter sahido do convento, mas que recebeu até á morte e que não deixava de ser avantajado.

*

Logo que de Aveiro sahiram aquellas senhoras, foi profanada a Egreja do Mosteiro e as imagens, alfaias e outros objectos, tiveram diversos destinos.

A' Juncta de Parochia da freguezia da Vera-Cruz, foram entregues os seguintes objectos: o orgão; as imagens de: Nossa Senhora da Conceição, Senhora da Boa Morte, Senhor Morto, S. Francisco de Paula, alguns crucifixos de diversos tamanhos, o Senhor preso á columna; reposteiros, tocheiras, caixas (de prata) das hostias, alguns mochos, quadros e alguns paramentos, frontaes e outras alfaias do culto, o que tudo se conserva e tem servido na egreja, que actualmente é a séde da parochia da Vera-Cruz; o retabulo do altar-mór, que se destina para a projectada Egreja do mesmo nome; os retabulos dos altares collateraes, que estão actualmente na capella de S. João Baptista, situada no Rocio, do mesmo nome, as imagens de S. José e de Nossa Senhora do Rosario, que estão no templo do Senhor das Barrocas, em cujo campanario tambem está o sino, que fôra d'este Mosteiro.

Tambem foi entregue á mesma Junta de Parochia o lavatorio, que estava na sachristia e que, na actual Egreja parochial, teve collocação identica, bem como os nichos das galhetas, nos altares collateraes.

CENA DO CALVARIO

Outros objectos lhe foram entregues, que não merecem especialisar-se.

A custodia foi entregue á Confraria do Senhor Jesus do Bemdito, erecta na mesma freguezia e a imagem do Senhor dos Passos foi dada para a freguezia de Lamas do Vouga, no concelho de Agueda.

A imagem de S. Francisco, que estava sobre a portaria do edificio, foi collocada sobre a porta principal do templo do mesmo nome, e que pertence á Ordem Terceira.

Outros objectos tiveram diversos destinos e não poucos desappareceram, como quasi sempre acontece em occasiões identicas.

*

* *

Continuou a demolição do edificio. Em 1888 restavam, apenas, as paredes da Egreja e a parte que lhe estava contigua.

Em 1890 já alli não existiam os menores vestigios do que fôra Mosteiro da Madre de Deus.

A extincção d'esta casa religiosa não podia deixar de impressionar-me. Alli viveram e foram educadas algumas pessoas da minha familia e, desde tenra edade, alli foram recolhidas e educadas as minhas duas irmãs, até que em occasiões opportunas, tomaram destinos, que as conveniencias lhes depararam.

*

A Madre Anna Bemdicta de S. Miguel, havia professado em 1826. Com as suas companheiras continuou a viver em Fermelã, seguindo sempre as regras da sua Ordem e fazendo-as respeitar.

Em 29 de Setembro de 1889, preparada religiosamente e rodeada das suas companheiras e tendo junto o sacerdote, que fôra seu capellão, expirou placidamente a ultima religiosa do extincto convento de Sá.

Morreu, pois, no dia, em que se festeja o Archanjo, de que tomara o nome, quando professou.

O seu cadaver, depois de lhe serem prestadas as honras funebres e de lhe serem feitos os suffragios na Egreja parochial, foi enterrado no cemiterio d'aquella freguezia.

Algumas pessoas, que muito a respeitaram decidiram (mas não sei, se o effectuaram) mandar collocar na sua sepultura, o seguinte epitaphio:

AQUI JAZ

A Madre Anna Bemdicta de S. Miguel, nascida e baptisada na freguezia de Esgueira; e filha de Joaquim Osorio de Castro e D. Pulcheria de Castro.

Professou no convento da Madre de Deus, de Sá, de Aveiro, da Terceira Ordem regular de S. Francisco, fundado em Aveiro de 1644.

Extincto este violentamente em 1885, sendo ella Abbadessa e ultima religiosa de tão santa casa, sahiu d'alli no dia 27 de Março com as suas Pupilas do côro e recolhida na freguezia de Fermelã em hospicio, que a caridade de um sacerdote lhe offereceu, n'elle viveu com as suas Pupilas e alli falleceu na paz do Senhor aos 29 dias do mez de Setembro do anno de 1889.

Christão, que me lêr, encommenda a Deus a alma da ultima religiosa e ultima Abbadessa do convento de Sá de Aveiro. Medita na inconstancia das coisas humanas, pois nem as mais sanctas permanecem. Tudo acaba. Só Deus é eterno.

Só a sua Lei, só a sua Egreja permanecerá até o fim do mundo.

R. I. P.

P. N. A. M.

*

As companheiras da ultima religiosa ainda estiveram algum tempo em Fermelã e na mesma casa.

Como, porém, o proprietario d'esta havia sido aposentado e para ahi foi viver, pois é d'aquella freguezia, retiraram-se para Angeja, onde estabeleceram um pequeno collegio e d'onde depois vieram para Estarreja.

N'essa villa estão vivendo actualmente n'uma casa, que lhe offerecera para isso um sobrinho da Senhora D. Maria Emilia Barbosa de Albuquerque Brandão, uma d'aquellas companheiras e pertencente a uma das familias mais respeitaveis do extincto concelho da Bemposta.

Nada se lucrou em adaptar o convento de Sá para quartel.

O terreno não era sufficiente e foi mister comprar mais dois pedaços a dois visinhos.

A despeza com a demolição foi muito grande e maior foi a despeza com a escolha e separação dos materiaes e com a remoção dos inuteis.

A venda de alguns objectos inapplicaveis ao novo edificio, produziu quantias insignificantissimas.

O quartel ficou mais caro do que se houvesse sido construido em terreno limpo e comprado para isso.

O local nem é dos mais proprios nem dos mais hygienicos.

Alguns dos individuos, que mais se empenharam na extincção do convento, para ahi se construir o quartel, tarde e já sem remedio reconheceram o erro.

O quartel ainda não está totalmente concluido e é muito possivel, que nunca o seja, porque é muito grande e por este motivo precisa de constantes e despendiosos reparos.

Dizia-se, e ainda hoje se affirma, que o edificio do Mosteiro estava ameaçando ruinas e que a sua conservação era impossivel.

Não era tanto assim. A parte que havia sido construida, para ficar provisoriamente, estava com poucas condições de segurança, como o estavam alguns restos da parte mais antiga.

E não admirava.

Desde certa época, principiaram a faltar os recursos pecuniarios á communidade, e como desde 1820 e especialmente desde 1834 se fallou na extincção das Ordens monasticas, não tratou a communidade senão de alli mandar fazer os reparos indispensaveis e esses com grande sacrificio.

*

Agora darei noticia de algumas habitadoras do Mosteiro, que se tornaram mais notaveis por suas virtudes e pelas familias. de que descendiam.

E com isso terminarei os apontamentos historicos, relativos a esta casa.

(Continúa).

RANGEL DE QUADROS.

A Immaculada Conceição è nossa

(Apontamentos historicos)

A DEVOÇÃO á Mãe de Deus foi sempre a nota caracteristica dos fundadores de ordens religiosas e seus alumnos: poucos haverá talvez que não tenham exalsado em suas obras as glorias de Maria, e todos no sacrario do seu coração lhe tributaram um culto affectuoso, filial. Francisco de Assis foi á par de todos, se os não excedeu, n'esta terna sympathia e cordeal amor para com a Mãe de Deus.

«Francisco, diz S. Boaventura, nutria para com a Mãe de Jesus, um amor indizivel; n'ella firmava, depois de Jesus, toda a sua esperança; escolheu-a para sua advogada, e poz sob a sua protecção, toda a sua obra.»

Na capella de Nossa Senhora dos Anjos, Pica, mãe de Francisco, é avisada sobrenaturalmente do nascimento prodigioso de Francisco. N'este mesmo sanctuario sente Francisco a inspiração da graça que o chama para a vida de espirito. Sob a protecção da mesma Senhora dos Anjos fundou as suas tres ordens; alli recebeu o extraordinario Jubileu da Porciuncula; e finalmente alli quiz fallecer.

Mas se n'esta particular affeição para com a Mãe de Deus, Francisco e seus filhos andaram sómente á par dos sanctos e religiosos das outras familias religiosas, na particular crença e singular amor ao privilegio da immaculada conceição de Maria, passaram sobre todos, e até, olhando a historia d'este dogma christão, foram os iniciadores e *defensores officiaes* da devoção a Maria Immaculada.

No artigo HISTORIA DO DOGMA DA IMMACULADA CONCEIÇÃO, publicado no numero anterior da nossa revista, apresentamos aos nossos leitores a origem e desenvolvimento da doutrina da Immaculada Conceição de Maria, resumindo os factos historicos sem ficções mentaes, nem exaggeros interesseiros de escola ou familia, como a alguem talvez parecesse; e o auctor, um erudito belga, sem pretenções scientificas, seguindo a voz dos factos, pôde concluir que realmente a opinião que defendia que Maria fôra immaculada desde o primeiro instante da sua conceição, foi introduzida nas escolas, lançada á discussão, defendida até á victoria pela escola escotista; e chamou-lhe com a historia d'essas controversas escolares, *a opinião franciscana*, e ao seu triumpho o *dogma franciscano*

Com a mesma despreoccupação scientifica, vamos accumular aqui os documentos com que possamos concluir que a Immaculada Conceição foi na Ordem Franciscana não só uma opinião ou persuasão de escola — uma crença scientifica, mas um objecto de culto publico e particular em todo o orbe seraphico — uma crença piedosa para todo o franciscano, desde o seu berço.

Os Franciscanos beberam ainda no berço a devoção a Maria Immaculada. No segundo capitulo geral celebrado em 1219, por mandado de S. Francisco, os capitulares approvaram a acta que

prescrevia a celebração de uma missa solemne em todos os sabbados do anno em honra da Immaculada Conceição de Maria. Esta prescripção era para todos os conventos da ordem.

Para chegar a este voto publico e solemne para com um privilegio de Maria, sobre que a Egreja não tinha fallado, nem mesmo era publico nas escolas e muito menos entre fieis, era necessario que os franciscanos de então estivessem préviamente instruidos e persuadidos, já tivessem amorosa sympathia para com aquella devota crença que seu patriarcha lhe propunha.

Francisco por outra parte, não era profundo theologo, não aprenderia pois nas obras theologicas a doutrina da Immaculada Conceição, nem a essa piedosa conclusão o levavam deducções scientifico-escolasticas; onde hauriu, pois, a crença que tinha arraigada no coração? No amor para com Maria Santissima. Grande coração, parecia-lhe que não teria amor sufficiente para com a Mãe Virgem se não crera e espalhara o seu privilegio, que julgava ser o de mais brilho, o da sua immaculada conceição.

Tal nos parece ser a origem d'esta *crença franciscana:* o grande amor de Francisco a Maria Santissima.

A' missa da Immaculada Conceição, juntou-se alguns annos mais tarde (em 1249 segundo alguns auctores) a *Benedicta*, que se cantava no côro, em todas as sextas-feiras depois de Completas, e que andava sempre em harmonia com a missa que se cantava no sabbado seguinte depois de prima.

O hebdomadario d'este nocturno, bem como o celebrante da missa da Conceição, era um prégador. Este preceito em uso lembrava aos filhos de Francisco que deviam exalsar publicamente a Immaculada Conceição de Maria.

Em muitas provincias, rezava-se a *Benedicta* tambem em todos os sabbados depois das graças da mesa, na refeição do meio dia.

No fim da *Benedicta* em alguns conventos, em outros no fim da missa da Conceição, ou no sabbado, antes da oração da noite, cantava-se em honra da mesma Immaculada Senhora a Ladainha Lauretana que terminava pelo versiculo, a que os ceremoniaes da provincia de Portugal e da Immaculada Conceição que tenho presentes, chamam *versiculo seraphico:* IMMACULATA REGNIA ET MATER FRATRUM MINORUM ORA PRO NOBIS. Este versiculo estava muito em uso, não sómente na Ordem Franciscana, mas até entre os fieis, e apparece ainda nos devocionarios do meado do seculo findo.

Estes actos publicos de culto para com Maria Immaculada, embora privativos da Ordem Seraphica, foram radicando esta piedosa crença nos fieis christãos, crença que começou a ser notada pelos theologos não franciscanos que se escandalizavam com a publicidade de uma doutrina a que a Dogmatica não dava sancção.

Os adversarios da *devoção franciscana*, chamemos-lhe assim, por agora, pois ainda não tinha sido ventilada a these da immaculada conceição de Maria em publica disputa, sensuravam a Ordem Franciscana pelo afinco em propagar tal devota crença e o Papa, para calar os queixosos, decretou uma disputa publica na universidade de Paris, onde como já dissemos, o Doutor Marianno, João Duns Scot, fez triumphar a opinião franciscana.

Foi a partir d'este anno (1305) que as praticas piedosas em honra da Immaculada Senhora, tomaram novo fervor.

A universidade de Paris, após a triumphal these da Immaculada Conceição, determinou celebrar a festa da mesma Immaculada Senhora com toda a pompa, com consentimento do Summo Pontifice, cujos legados adheriram a tal proposta. Em muitas outras egrejas se começou a celebração d'esta festa, com outras piedosas praticas já em uso na Ordem Franciscana, desde o seu berço. Apesar do consentimento da Egreja os inimigos da *these franciscana* não deixaram de condemnar o culto prestado á Immaculada Mãe de Deus, a ponto tal que o papa franciscano Xisto V se viu obrigado a sanccionar com sua auctoridade apostolica a missa e officio em honra da Immaculada Conceição, recommendando, na sua constituição, *cum præcelsa*, (1476) a todos os fieis a frequencia á mesma missa e officio, a que concede as mesmas indulgencias e graças que Urbano IV e Martinho V tinham concedido para a festa e officio do Corpo de Deus.

A Ordem Franciscana continuava animada pela constituição d'este seu glorioso filho, na propagação da sua devoção, crença e doutrina. Os adversarios não desanimaram; nos pulpitos e em folhetos prégavam que a Santa Igreja, solemnizava e permittia o culto da conceição *espiritual* da Virgem e não a *corporal*; que eram herejes os que cressem e defendessem a conceição immaculada de Maria.

De novo o mesmo papa *motu proprio, non ad alicujus Nobis super hoc oblatae petitionis instantiam*, lançou mão da sua auctoridade e fulminou excommunhão reservada á Sé Apostolica, sobre os que tal affirmassem. Declarando tambem na mesma constituição *(Grave nimis gerimus, 1482)* que encorriam nas mesmas penas os que taxassem de herejes os que deffendiam que Maria não fora preservada do peccado na sua conceição.

Não pararam aqui as opposições feitas ao culto da Immaculada Senhora que os franciscanos espalhavam cada vez mais e Pio V, da Ordem dos Prégadores, para restabelecer a paz, sem empecer a propagação da *devoção seraphica*, prohibiu na sua constituição SUPER SPECULUM DOMINI, (1570) que qualquer das partes disputasse em assembleias publicas onde concorresse o povo, *in popularibus concionibus, vel ubicumque promiscua virorum et mulierum multitudo converniri solet*, ácerca da sua opinião; permittia porém que em academias, perante os homens de sciencia ou nos capitulos geraes ou provinciaes se disputasse sobre o assumpto.

A Santa Sé ia com prudencia pondo freios aos inimigos para que não estorvassem a *devoção* que a nossa Ordem espalhava, permittindo insurgirem-se contra a *these dos Menores*, mas com termo e modo, e em particulares assembleias de eruditos, para que a disputa não escandalizasse os fies que professavam com a Ordem Seraphica, independentemente das questões de escola, a crença em Maria Immaculada.

Paulo V, foi obrigado pelas demasias e temeridades dos adversarios a confirmar a constituição de Pio V, com a sua de 1516: REGIS PA-

CIFICI; mas sem conseguir a paz desejada, o que obrigou o mesmo papa a publicar o decreto SANTISSIMUS DOMINUS MOSTER POST LONGAM, que prohibia se ensinasse a opinião contraria á da Immaculada Conceição, em qualquer disputa publica: *non audeant in publicis concionibus lectionibus et aliis quibus cumque actibus publicis asserere*...Aos da opinião favoravel *á crença franciscana* permittia que continuassem a ensinal-a dos pulpitos, e nas escolas com tanto que *aliam opinionem non impugnent nec de ea aliquo modo, agant seu tractent;* não toquem nem de leve na opinião dos adversarios, a quem deixava a liberdade de disputar ácerca da questão, mas sómente em particulares disputas.

Era bem fraca a arma que o papa deixava aos adversarios, mas não deixaram de pugnar com valor a favor das suas opiniões escolares; e em particulares conversações desorientavam a piedade de certos fieis e sabios christãos, para com a Mãe Immaculada de Jesus.

Para pôr termo a estes escandalos o papa Gregorio XV, a 24 de maio de 1622, tirou as armas das mãos dos adversarios com o seu decreto: SANCTISSIMUS DOMINUS NOSTER AUDITIS VOTIS, em que, para evitar escandalos extendia a prohibição do seu predecessor ás disputas particulares: *ex iisdem causis evitandi scandala, extendit et ampliavit etiam ad privata colloquia et scripta, mandans et praecipiens omnibus et singulis supradictis*...

Deixa porém a liberdade da crença aos adversarios até que, *articulus hujusmundi a S. Sede definitus*, a S. Sé defina sobre este ponto.

Na Ordem Franciscana continuava a devoção á Immaculada Mãe de Deus com tal fervor e zelo na sua propagação, que a muitos parecia fanatismo. No Capitulo Geral de Salamanca (1618) ordenou se que não se admittisse á profissão da Regra de S. Francisco noviço algum, sem primeiro jurar sobre os santos evangelhos, defender até dar a vida, se necessario fosse, a immaculada conceição de Maria Santissima.

Segundo os ceremoniaes antigos que tenho presentes, o prelado depois de dirigir varias perguntas, mandadas nas Constituições da Ordem, ao noviço, perguntava-lhe: *Está com animo e vontade de jurar em como ha de defender a Conceição de Maria até dar a propria vida?* Dada resposta affirmativa trazia-se o missal, o noviço punha a mão direita sobre elle e lia o juramento:

Prometto e juro por estes Santos Evangelhos de defender, até dar a propria vida, a Conclusão em que confessamos que a Virgem Maria, Nossa Senhora, foi concebida sem peccado original e preservada d'elle pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Christo, seu santissimo Filho.

Depois d'este juramento é que o *soldado da Immaculada Conceição,* professava na Ordem Seraphica.

TRIUMPHO DE SCOTO

Antes d'este mandado do Capitulo Geral de Salamanca, já em muitas provincias de Hespanha costumavam os capitulos provinciaes faz r egual juramento, com grande solemnidade, á missa cantada que seguia ao dia das eleições. Este piedoso costume moveu o Geral da Ordem Frei Benigno de Genova, (6 de novembro de 1620) a publicar a seguinte carta:

«Frei Benigno de Genova Ministo Geral, de toda a Ordem do nosso Padre S. Francisco. Aos Padres Ministros Provinciaes de todas as provincias da nossa santa Religião (e nomeava as provincias) e aos Ministros Provinciaes das quatro provincias da Ordem Terceira, sujeitas á nossa ordem e governo, salvação e paz no Senhor.

«Constando me que algumas das nossas provincias de Hespanha com grande edificação do povo christão teem feito juramento e voto de crêr, ensinar e defender que a Virgem Senhora Nossa foi concebida sem peccado original; preservada d'elle pelos merecimentas de Christo Nosso Redemptor, e desejando quanto em nós está que es-

te sagrado misterio que com tanta piedade tem venerado sempre nossa santa Religião, cresça e vá sempre em adeanto; e persuadido que por esta santa devoção, e pelos serviços que a Ordem do nosso Seraphico Padre S. Francisco tem feito á Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora, a extendeu Deus por todas as partes do mundo e tão honrada com santos papas, cardeaes, bispos, imperadores e reis: Rogo por tanto a Vossas Paternidades, e para maior merito, lhes aplico o da santa obediencia, que todas as provincias que não tiverem feito o dito juramento e voto, o façam nos primeiros capitulos provinciaes que de hoje em deante se façam; e isto com a maior grandeza, solemnidade e devoção que for possivel; e para que em cousa de tanta importancia haja a uniformidade que convem, advirto a Vossas Paternidades que o supradito juramento se faça nas mãos do Ministro Geral, ou d'aquelle que em seu nome presidir aos ditos capitulos e na forma seguinte:»

Seguia-se a forma do dito voto e juramento que o presidente do capitulo fazia em nome dos capitulares e de todos os religiosos actuaes e futuros d'aquella provincia. N'essa formula lia o presidedte:

«...Continuando a devoção que os santos d'esta santa religião e nossos maiores tiverem á Virgem Nossa Senhora e á sua Purissima Conceição, e accrescentando lhe um novo vinculo de obrigação, juramos e fazemos voto a Deus Nosso Senhor e á sua Santissima Mãe e a Nosso Seraphico Padre S. Francisco e a todos os Santos e Santas do ceu, de crêr, defender e ensinar em publico e em particular que a Virgem Nossa Senhora foi concebida sem peccado original, preservada d'elle pelos merecimentos de Christo Nosso Senhor; e procuraremos quanto em nos fôr que esta santa e piedosa devoção se ensine ao povo christão; e assim o juramos e promettemos por Deus Nosso Senhor e por este signal da cruz † e sujeitamos este juramento e voto á Santa Igreja Romana e ao nosso Santo Padre Paulo V, Pontifice Maximo, e o pomos sob o sua protecção e amparo, suplicando-lhe que no-lo receba e nos dê sua santa benção.»

A carta do Geral mandava, depois d'esta formula que o juramento escripto e assignado pelos padres do definitorio e secretario da provincia, fosse selado com o selo maior e guardado no archivo.

Aos religiosos que em publico ou particular o repetissem concedia o Geral sua paternal benção e lhe implorava a do Seraphico Patriarcha.

*

Data talvez d'esta mesma epocha o costume de fazerem tambem o *juramento seraphico*, como lhe chamavam então, os Irmãos Terceiros seculares e que segundo o ceremonial que aqui tenho, se fazia nos termos seguintes, depois da profissão, com a mão direita sobre o missal aberto:

Eu (N) *juro n'estes Santos Evangelhos de defender que a Virgem Maria Senhora Nossa foi concebida, no primeiro instante do seu ser, em graça, sem peccado original, preseverada d'elle pelos merecimentos de Jesus Christo, seu Filho. E por defender esta verdade darei a vida e o sangue todas as vezes que necessario for, emquanto pela Igreja não for declarado contrario.*

Se reflexionarmos que uma grandissima parte dos fieis militavam nas tres ordens franciscanas, principalmente na Ordem Terceira, podemos comprehender qual seria a propaganda d'esta devoção, e concluir que mediante os filhos de Francisco, uma grandissima parte dos fieis christãos faziam juramento solemne de defender este santo misterio.

Porem quanto mais se esforçavam os franciscanos por espalhar o culto da Immaculada Conceição, tanto mais se oppunham os seus inimigos, passando por cima dos decretos pontificios, com distincções e interpretações capciosas, a que poz termo o papa Alexandre VII, a pedido dos bispos e rei de Hespanha, com a sua constituição de 8 de dezembro de 1661: SOLICITUDO OMNIUM ECCLESIARUM, em que prohibia, sob varias e graves penas, tudo quanto os seus predecessores tinham condemnado, e que d'aquella data em deante não fosse permittido a ninguem interpretar as ditas prohibições, para assim confutar a *opinião piedosa*.

Parece que os inimigos da *opinião dos Menores* foram enfraquecendo desde esta data. Os franciscanos pelo contrario no pulpito na catedra, nos capitulos provinciaes e conventuaes, nos usos e costumes domesticos, nos livros de piedade, por todas os meios a seu alcance esforçavam-se por cumprir com o *juramento seraphico*, de defender e propagar a devoção a Maria Immaculada.

Em 1645, os Frades Menores Observantes proclamaram em capitulo geral, reunido em Toledo, a Immaculada Conceição, patrona de toda a Ordem.

Foi a partir d'este anno que os frades das tres ordens de S. Francisco começaram a juntar ao ultimo versiculo da Ladainha Lauretana o *versiculo seraphico* de que fallamos: *Immaculata Regina e Mater Fratrum Minorum*.

O mesmo fizeram os Capuchinhos em 1715, e os conventuaes em 1719.

*

E' tambem muito antigo na nossa ordem, e vem a proposito, o versiculo ou jaculatoria; *Bemdito e louvado seja o Sanctissimo Sacramento — e a purissima Conceição da Vigem Maria Senhora Nossa. concebida sem macula de peccado original*, com, que o superior fechava e dava por concluidos os actos de communidade; o que hoje ainda se observa. A mesma jaculatoria era entoada em alta voz, no corredor central dos conventos franciscanos, á noite, quando se tocava para recolher e fazer silencio.

*

Parece pois poder concluir-se que não só a escola escotista franciscana, mas o espirito de piedade seraphica, contribuiu, de um modo muito principal, para o triumpho da *opinião dos Menores*, como chama a Historia, á these, hoje dogma, da Immaculada Conceição.

Tal foi ao menos a conclusão de Dom Guéranger, na sua *Memoire sur la question de l'Immaculée Conception*: «Os primeiros annos do seculo XIX, viram elevar-se a cathedra gloriosa de

Duns Scot, a quem estava reservado abrir, pelo methodo escolastico, o logar que devia occupar no dogma catholico, o privilegio de Maria.

«Desde então o fervor toma nova vida, e a Ordem Seraphica fiel ás predilecções do seu Patriarcha, fica sendo para sempre a *deffensora official* da Conceição Immaculada.»

Tal era a persuação dos escultores quando configuravam em relevo, nas peanhas, que sustentavam as imagens de Maria Immaculada, as armas franciscanas : dois braços em cruz, um nu figurando o de Christo, outro vestido figurando o de S. Francisco, e em volta a conhecida quadra que punham nos labios da Mãe Immaculada :

Minha pureza querida,
N'estes braços apoiada,
Foi por um preservada
Foi pelo outro defendida.

E o povo hespanhol ainda hoje conta a tradicional e avoenga estrophe popular :

A' religião sagrada
De S. Francisco debemos
Que em alta vós te cantemos
O brazão de Immaculada.

Nem foi outra a persuazão do papa franciscano Pio IX, quando ao terminarem as festas da definição dogmatica da *these franciscana*, mandou que a lapide commemorativa d'aquelle grande facto, fosse collocada sob a imagem de S. Francisco de Assis, para repetir aos seculos vindouros a voz da Historia : *Per Christum preservatam; per Franciscum defensam.* Preservada por Christo; defendida por Francisco.

Nenhuma ordem religiosa, pois todas teem tambem as suas glorias e muitas, nos levará a mal, nem mesmo extranhará, se os franciscanos de hoje, olhando para as grandes festas que se preparam para honrar Maria Immaculada, em todo o orbe catholico, se encham de regosijo, e lembrem aos catholicos do seculo XX esta gloria da sua Ordem, e repitam ufanos o echo veridico da Historia : *A Immaculada Conceição é nossa.*

PENSAMENTOS

JESUS

Ha dezenove seculos, oh Christo,
que Te adoram e Te amam todos os santos
com fé ardente e amor ainda não visto :
— Acolhe, pois, Jesus, os nossos prantos!

Que m'importa se os maus em vão Te odeiam ?
Que os incredulos, loucos, Te reneguem ?
Os infelizes, que no mal volteiam,
riscar Teu nome doce não conseguem!

Ha dezanove seculos, Jesus,
homens puros e bons de toda a parte,
bemdizem o Teu Nome e a Tua Cruz!
Nada Te substitue: Sciencia ou Arte.
Has Tu d'imperar sempre oh! bom Jesus!
Como Deus que és, Immenso, Santo e Forte!

Semana Santa, 1899. F. D'AYALLA.

ANEDOCTAS

O bispo de Cesarea, S. Basilio, resistia ás pretensões do imperador Valente, pelo que Modesto prefeito chamou-o á sua presença e travou com elle o seguinte dialogo.

Prefeito.—Porque te oppões com tamanha audacia ao teu grande e poderoso imperador ? Porque és só tu que resistes ás suas ordens ?

Basilio.—Audacia, ordens, resistencia... Que estás dizendo ? Não entendo as tuas palavras.

P.—Pergunto porque havendo-se os outros todos submettido á vontade do imperador, só tu não acatas esta vontade ?

B.—Porque o meu imperador não m'o permitte.

P.—E o que pensas que somos nós ?

B.—Nada quando assim mandaes.

P.—Desprezas, pois, nosso valimento e amizade ?

B.—Deus é maior e mais illustre do que vós.

P.—E não temes o meu poder ?

B.—E porque hei de temel o ?

P.—Sabe, Basilio bispo, que confiscarei teus bens.

B.—Quem não tem nada não está sujeito á confiscação ?

P.—Desterrar-te-hei.

B.—E' impossivel, porque em toda a parte sou hospede e peregrino.

P.—Serás condemnado á morte.

B.—Grande beneficio seria para mim a morte que me permittiria ir gosar de Deus por quem de ha muito suspiro.

P.—Ainda ninguem me fallou d'esta maneira.

B.—E' que ainda não déste com um bispo.

Basilio concluiu d'esta maneira o dialogo : «Carrega-nos de afrontas, cerca-nos de ameaças, porém está certo de que jámais nos vencerás.» E refere a historia que Modesto se apresentou deante do imperador dizendo : «Nada podemos contra o bispo Basilio. D'esta vez ficamos vencidos.» O imperador tocado de admiração pela attitude firme de S Basilio ordenou que o deixassem em liberdade.

*

N'um dos bairros de Paris junto a uma casa pobre e quasi arruinada estava sentada uma pobre mulher d'uns trinta annos de edade com um cabasinho de flôres que offerecia aos transeuntes.

A seu lado tinha um menino de pouca edade.

Um inglez que passava de braço dado com uma donzela de dezoito annos, deteve-se com o fim de escolher um ramo de flôres; não encontrando porém nenhum a seu gosto, ia ausentar-se sem fazer gasto algum á florista.

Commovida sua linda filha ao perceber o desgosto resignado que leu nos olhos da boa mulher,

tirou da sua carteira um papelito embrulhado que deixou cahir ao lado do menino.

—Olha, mamã, que é isto? disse o menino indicando o papelito ao mesmo tempo que o ia desdobrando.

Onde achaste esse papel? exclamou a mãe surprehendida ao vêr na mão do filho uma nota de 50 francos.

—Foi a senhorita que agora passou que o deixou cahir.

Ouvido isto a mãe deitou a correr a procural-a; porém esta faz que não entende e prosegue seu caminho.

Não obstante o pae ouvindo as explicações da vendedeira, tomou a nota e guardou-a na carteira.

Vendo a filha que a mulher ia perder os 50 francos, dirigiu a seu pae um olhar supplicante e depois disse-lhe algumas palavras ao ouvido.

Com a impassibilidade que caracterisa um inglez de lei, este não deixou de guardar os 50 francos, porém tomando outra nota de 500, disse á honrada mulher:

—Minha filha deu te 50 francos por seres pobre: eu dou-te 500 por seres honrada.

*

Um joven que se dirigia a Saint-Cyr, achava-se em uma sexta-feira á meza n'um grande hotel e advertindo que a comida que se servia era de carne, chamou o servente e lhe disse com voz firme e intelligivel:

—Tenha a bondade de me trazer peixe; não tenho pressa, esperarei.

O inspector que estava presente admirado d'este rasgo de caracter lhe perguntou:

—O senhor ainda tem pae e mãe?

—Não tenho mais que mãe.

—Pois bem dizei-lhe da minha parte que eu me consideraria feliz se tivesse um filho como vós.

—Senhores—accrescentou, dirigindo-se aos assistentes.—Não ha senão um homem entre nós; é este joven que professa com tão nobre franqueza suas convicções; seu exemplo não será desaproveitado; a partir d'este dia eu farei o que elle fez.

Alguns instantes depois cinco ou seis pessoas pediam comida de magro.

Leituras amenas

Se eu tivesse mãe!...

VI

Dois córtes pela raiz

I

Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. A Virgem Maria me acompanhe — dizia o P. Placido, benzendo-se emquanto subia pausadamente as escadas da morada do carpinteiro.

— Ave Maria, Purissima! — disse ao passar os ultimos degraus.

— Sem peccado concebida! — respondeu de dentro a voz trémula e entrecortada de Manuela.

— A paz seja n'esta casa — continuou o Sacerdote, penetrando na cosinha, onde aquella estava chorando ainda com a sua menina adormecida no regaço.

— A paz!... e que falta ella nos faz aqui, P. Placido!...

— Já sei tudo filha, já sei tudo — disse o ancião, sentando-se em um banco.

— Quem lh'o disse, Padre?

— Antonio.

— Pois de certo; e terá carregado todas as culpas sobre mim, infeliz mulher, que não tenho para quem me virar, sosinha n'este mundo; sosinha, Padre, como o outro, sem eira nem leira, nem folha de figueira, e sempre ao canto, desprezada e aborrecida ao meu marido... Pobre de mim! Nunca lhe fiz mal nenhum, e elle sempre a dar em cima de mim, porque me vê só!

— Ora vamos, filha, vamos lá; socega um pouco; bem sabes que n'este mundo ninguem está só. Todos temos uma boa mãe, que é Maria Santissima.

— Pois isso é, Padre; e é o que a mim me consola; ai! se soubesse quantas lagrimas tenho chorado deante da Virgem Santissima... oh! se ella me desse o amor do meu marido e a paz de minha casa!...

— De ti depende, Manuela.

— De mim?!... O' Virgem do céo, pois que outra coisa vos peço?! Eu que tenho soffrido e callado... e desprezada... e ainda...

— Pois olha, de ti depende. Ora ouve lá e escuta-me com socego. Tu amas a Antonio?

— Mais do que a minha vida. Antonio é que não me póde vêr.

— Tudo isso são castellos de vento, que se te metteram na cabeça. Eu sei que Antonio te quer tanto, como tu a elle.

— Olhe, Padre, não sabe V. Rev.ª como as coisas correm.

— Sei tudo, sei, e afianço-te que Antonio te ama e te quer como te deve querer.

— Pois então se elle me quizesse, P. Placido, se elle me quizesse, como me havia de dar tantos desgostos?!

— O mesmo te podia eu perguntar a ti.

— E eu tenho-lhe dado desgostos? Virgem Santissima, como elle lhe foi contar as coisas!...

— Vi-o eu, Manuela, vi-o eu com estes meus olhos, intendes?, com estes olhos que ha de comer a terra; e posso dizer-te que não lhe dás só desgostos mas que tambem com elles o arremeças ao caminho do mal e da desesperação.

— ?!...

— Escuta, Manuela, escuta, olha que o desgosto d'esta tarde ia-lhe custando a vida.

Manuela, que amava ardentemente seu marido respondia com a expressão dolorosa e profundamente desfigurada das feições e ia a fazer uma pergunta quando o P. Placido accrescentou:

— A vida e a alma o que é mais para sentir; Antonio saiu de casa com tenção de se ir atirar ao rio.

— Jesus, Virgem bemdita das Dôres, onde está o meu Antonio, que é feito d'elle? P. Placido, pelo amor de Deus! onde está o meu marido?!

— Socéga, mulher, deixa-me fallar, já vejo que effectivamente amas a teu marido.

— Pela Santissima Virgem, onde está o meu Antonio?

— Onde está, não corre perigo. Está na minha igreja rezando.—Espera, Manuela, que temos ainda de ajuntar umas contas — accrescentou o P. Placido, chamando-a, pois ia a sair para buscar seu marido. — Senta-te e socega.

— Meu Deus! — exclamou Manuela sentando-se.

— Antonio não foi ao rio, como te digo, porque se encontrou com o Pedro moleiro que o deteve... Essas companhias, Manuela, essas companhias tem-nos elle desde que não gosa de paz em sua casa! E desde então tambem vae imitando a linguagem de juramentos, e hoje sem saber o que dizia, vomitou uma blasphemia... uma blasphemia contra a Virgem Santissima, Manuela!

Perdoae-lhe, Virgem Santissima; que elle estava cego!...

— Exactamente, filha, estava cego, e ahi vou eu... Julgas tu, que se elle te não amasse, ia sentir tanto o vêr-te desgostosa que se desesperasse e cegasse de tal modo?

Manuela cobria o rosto com as mãos e calava.

— Que tens a dizer a isto? Não é claro como agua?

— Pois então, Senhor, que ha aqui? Porque não faz n'esta casa? Querem talvez dizer que tenho a culpa, quando eu daria o sangue e a vida pelo meu marido?

— O que ha aqui, filha, é que não vos entendeis; ambos tendes culpa e nenhum a tem... Um poucochinho de paciencia e de boa vontade, e está tudo arranjado... Ouve bem, Manuela, amas o angelito?

—Sim, Senhor — respondeu com alguma timidez e vergonha a esposa do carpinteiro.

— Sei que dizes a verdade: amal-o de coração, e, não obstante, córas... Começas a conhecer a tua falta... Eu estava á espera que tu fosses mãe, e estava certo que então o conhecerias... Hoje és mãe, e sabes o que é o amor de mãe... Imagina por um momento que esse anjo de Deus que dorme ao teu collo o somno da innocencia, vinha a cahir nas mãos d'outra mulher que não fosses tu...

— Filha do meu coração! — gritou Manuela estremecendo e beijando febrilmente a menina.

— Só a ideia de tal te assusta, não é assim? Pois olha, pelo amor d'uma mãe avalia o d'um pae. Parece-me que Antonio ha de ter menos amor a Angelo do que tu á tua menina? Não ha de sentir profundamente, minha filha, qualquer desgosto que se dê á creança muito mais se é sem razão, do mesmo modo que tu sentirias os que á tua menina se dessem? Põete no logar d'elle, faz de conta que Angelo é a tua menina, mette a mão no peito e falla, Manuela.

Esta, que executava em silencio com a cabeça inclinada, apertou ao seio a menina como se lh'a quizessem arrebatar. Houve um momento de solemne silencio, em que sómente se houvia o respirar dos tres.

— Responde, Manuela — disse o ancião — quero que alegues todas as desculpas que tens.

— Olhe, Padre... eu parece-me... nunca... ao menos com intenção... — balbuciou timidamente.

— Já sei, e por isso é que eu te digo que todos tendes culpa e que nenhum a tem.

Antonio não devia ter chegado a pensar que tu aborreces o pequeno; mas tu

que és mãe bem comprehendes o quanto é delicado o amor paterno, e não devias ter obrado de modo que elle tal podesse suspeitar: e fizestel-o: sem querer, mas fizestel-o. Os meninos necessitam de amor, muito amor... amor de mãe; e sem elle murcham e morrem como flores sem rega... Tu amavas Angelito, mas o teu amor não era de mãe. . Compara-o com o que tens á tua menina e verás a differença! .. As creanças, tudo consiste em as amar e em saber leval-as... Ficam contentes com tão pouco, filha! Um capricho innocente, uma flor, um brinquedo, uma caricia torna-as felizes... Tirem-se-lhe essas que aos *mai-res* nos parecem pequenezas, e ninharias, matam-se... Tu por exemplo, uma vez te oppuzeste a que o pequeno levasse um ramo de margaridas á Virgem...

— Mas, Padre, se aquillo não valia nada.

— Olha, minha filha, a Virgem Santissima não estima as coisas pelo que ellas valem, mas pelo carinho com que se lhe offerecem... Mais agradece a singella flor do campo que lhe apresenta o menino innocente, chamando-lhe *mãe*, que o diadema de ouro e pedraria que lhe offerece um coração orgulhoso, por vã magnificencia. Mas emfim o pequeno tinha esse gosto innocente, com isso era feliz; que te custava acceder a esse gosto? E comtudo oppuzeste-te a isso... Se fosse uma coisa má, muito santo e muito bom seria que te oppuzesses; mas agora áquillo... e a outras coisas semelhantes, Manuela... Tu não sabes, filha, quanto soffrem as creanças quando se tratam assim, ainda que por outra parte se lhes queira. Se essa tua menina amanhã ou outro dia fizesse o mesmo, davas-lhe esse desgosto sem necessidade? As margaridas do campo então pareciam-te diamantes.

Manuela escutava silenciosa, porém chorava e osculava sua filha.

— Já me comprehendes, Manuela?— continuou o sacerdote.—Todos precisamos de ter quem nos ame; mas então aos meninos cujo coração é ainda tenro, não lhes basta um amor qualquer; precisam d'um amor immenso, acceso, ardente como é o da mãe!... E Angelo sabia o que é esse amor, porque ainda tinha mel nos beiços... e não o encontrava em ti.. Não é muito natural que se affligisse? Não é tambem naturalissimo que o pae se affligisse com elle?... Põe-te em seu logar, como já te disse... e aqui, minha filha, não ha nem mais nem menos. O pequenito julgou que tu não lhe querias; Antonio chegou a convencer-se do mesmo, e tu pensaste outro tanto d'elles ambos com respeito a ti... E tudo porque não se entenderam, tudo questão que n'um momento se resolve, vez filha? Tenho razão ou não tenho?

Manuela derramava lagrimas a torrentes sobre o rosto da menina adormecida. O P. Placido callou um momento contemplando-a.

— Reconheces tua falta, Manuela?— perguntou alfim.

— Reconheço-a, Padre, por mais que eu nunca pensei...

— Estou n'isso, filha, estou; aqui ninguem obrou com má intenção.

— E que quer agora que eu faça, Padre?... Peça-me a alma, a vida, que eu tudo darei para que volte a paz e o amor para esta casa...

— Bem, muito bem, filha da minha alma! — exclamou o P. Placido pondo-se em pé. — Isso mesmo foi o que disse S. Paulo quando se converteu: «*Senhor que quereis que faça?*... Pois bem o que eu quero que faças é que desde agora mesmo sejas verdadeira mãe de Angelito; vê lá o que farias com a tua menina, e faze o mesmo como elle. Só te peço isto, e verás se com isto não fica tudo resolvido. Pelo amor de Deus t'o peço, pelo amor de Maria Santissima, minha filha!... Esse menino está enfermo, e morrerá á mingua de amor, á mingua de ternura que em ti não encontra... Recorda-te, minha filha, de que Deus nos mede com a mesma medida que applicarmos ao proximo, e de que tu és mãe e que esse pedaço de tuas entranhas ainda podia vêr-se...

Um grito de terror sahido do peito de Manuela interrompeu o sacerdote. Aquella sahiu precipitadamente da cosinha. Seguiu-a o P. Placido pelo obscuro corredor, e da porta da escada que dava quasi em frente da da cosinha, pareceu-lhe vêr desapparecer rapidamente um vulto negro. Pensando que fosse esta a causa do susto de Manuela, quiz approximar-se quando lhe feriu os ouvidos o grito penetrante d'uma mulher que exclamava:

— Filho da minha alma!

— Mãe! — respondia com ternura a voz entrecortada d'um menino.